

FERNANDA DO CARMO PÔNZIO

**O JORNALISMO IMPRESSO DO
FUTURO:
O CASO ILUSTRÍSSIMA**

Viçosa MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo UFV

2011

[Digite texto]

FERNANDA DO CARMO PÔNZIO

**O JORNALISMO IMPRESSO DO
FUTURO:
O CASO ILUSTRÍSSIMA**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Ms. Laene Mucci Daniel

Viçosa MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo UFV

2011

À minha mãe pelo exemplo, amor e carinho e por ter me ensinado o valor da leitura, inclusive a dos jornais, e ajudado a desenvolver cada etapa deste trabalho, da escolha do tema à revisão.

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe, pelo apoio e conselhos em todos os momentos, por ter me ajudado a reunir, a cada domingo, os exemplares estudados e a desenvolver meu tema de estudo. À minha irmã pela paciência e pelas inúmeras vezes em que me cedeu o computador para que eu pudesse escrever mais uma linha que fosse. Ao meu namorado, pela companhia, pelos livros e muitas da biblioteca e por ter me ouvido tantas vezes falar deste trabalho. Ao meu pai pelo incentivo e orgulho.

Aos meus familiares e amigos. À Lorena, que sempre ofereceu ajuda e aos colegas da TV Viçosa que possibilitaram alterações no horário de trabalho.

À professora Laene, pela orientação e pela amizade. À professora Mariana pelos conselhos na disciplina COM 490 e pela prontidão. Ao professor Ricardo também pela prontidão e pela atenção.

A Deus e Santa Rita pela força e proteção sempre.

É preciso que tudo mude para que permaneça como está.

Il gittopardo, Tomas di Lampedusa

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	09	
CAPÍTULO 1: Conceitos e discussões		
1.1 O futuro do jornalismo impresso		
1.1.1 As incertezas do jornalismo impresso	11	
1.1.2 O jornalismo impresso do futuro	13	
1.2 O Jornalismo Cultural Brasileiro		
1.2.1 Breve Histórico	15	
1.2.2 Características atuais	16	
1.3 O Jornalismo Científico Brasileiro		
1.3.1 Breve Histórico	18	
1.3.2 Características atuais	19	
1.4 A Folha de São Paulo		
1.4.1 Breve Histórico	21	
1.4.2 A reforma de 2010.....	22	
1.4.3 Mais! e Ilustríssima	22	
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA		24
CAPÍTULO 3: ILUSTRÍSSIMA X MAIS!.....		26
CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS		33
Bibliografia	35	

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: temas, números de páginas, autor e tipo de texto no Ilustríssima	26
Tabela 2: temas, números de páginas, autor e tipo de texto no Mais!	27
Tabela 3: Média de número de páginas, autor e temas mais comuns nas matérias de capa do Mais! e do Ilustríssima	28

Resumo: Este trabalho faz uma comparação entre dois suplementos dominicais do jornal Folha de São Paulo, o Mais! e o seu sucessor, o Ilustríssima. A idéia é verificar se as diferenças entre eles se pautam no novo modelo de jornalismo que tendem, a imergir com a consolidação da internet e pelos desafios dos próprios jornalismo cultural e jornalismo científico.

Palavras-chave: Jornalismo impresso; jornalismo cultural; jornalismo científico.

Abstract: This article compares two supplements from the newspaper Folha de São Paulo, Mais!, and its succeeding Ilustríssima. The objective is to verify if the differences between them relate with the new journalism, that is emerging with internet, and with cultural and scientific journalism challenges.

Key-words: Press journalism; cultural journalism; scientific journalism.

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo passa por um processo de mudanças e, talvez, os jornais impressos sejam os que mais estão as sentindo. No Brasil, veículos grandes e de referência estão presenciando, com certa frequência, queda nas suas vendas. A Folha de São Paulo, por exemplo, mantém-se como um dos maiores jornais do país, ao mesmo tempo em que amargou algumas das quedas mais sentidas. Em 2010, o veículo e sua versão na internet, a FolhaOnline, lançaram uma nova reforma editorial, que incluiu mudanças gráficas, novos colunistas e seções. O slogan da mudança foi “O jornal do futuro” e o anúncio publicitário veiculado no próprio veículo impresso mostrava a Folha sendo lida em versão impressa e online (até em *tablets*¹, por exemplo), numa referência às novas tecnologias e ao novo modo de se ler jornal.

A proposta deste trabalho é analisar um aspecto dessa reforma do jornal Folha de São Paulo, como forma de entender os impactos das novas mídias e como os jornais estão se adaptando a esse novo cenário. Este estudo trata de uma análise comparativa entre dois suplementos do jornal, o “Mais!”, que parou de circular com a reforma, e o seu sucessor, o “Ilustríssima”. O seu objetivo é analisar cada um dos suplementos, depois confrontar as características deles, observando como as diferenças encontradas se encaixam em um novo padrão de jornalismo, ou na idéia de como o jornalismo impresso está evoluindo para um padrão que coexista com a internet e as novas mídias. Mais ainda, pretende-se verificar como essas diferenças se encaixam nos conceitos, gargalos e dilemas do jornalismo cultural e do científico apontados pelos teóricos da área.

Nesse contexto de mudanças, é importante observar como a imprensa brasileira está se comportando e adaptando. Esta análise trabalha uma editoria de um tipo específico de mídia- um suplemento de cultura e ciência de um jornal impresso- o que possibilita um trabalho mais focado e detalhado, além de, conseqüentemente, dados que tendem a ser mais precisos. A partir de estudos desse gênero é que será possível avaliar como está o jornalismo no brasileiro, o jornalismo impresso e as editorias que o compõe, e se, de fato, eles caminham para um novo formato e qual formato é esse.

¹Dispositivo eletrônico que agrega algumas funções de um celular com outras de um computador.

O próximo capítulo apresenta os conceitos e discussões que norteiam este trabalho. Na primeira parte é feito um panorama da situação dos jornais impressos hoje, como os teóricos, jornalistas e ativistas da internet estão avaliando o seu futuro e qual o possível caminho para a sua coexistência com os meios digitais. A segunda parte é dedicada ao jornalismo cultural brasileiro, como ele é e quais os principais fatos que marcaram a sua história. Já a terceira aborda o outro viés dos cadernos: o jornalismo científico, quais são suas características e um breve panorama histórico do gênero, no Brasil. O última parte desse capítulo trata do jornal Folha de São Paulo, da reforma pela qual ele passou em 2010 e dos dois cadernos estudados, o “Mais!” e o “Ilustríssima”. No segundo capítulo será apresentada a metodologia deste trabalho. Em seguida, será feita uma comparação entre os suplementos. Este estudo busca a análise das diferenças em relação ao conteúdo dos cadernos, ou seja, quais assuntos abordados e como é a linguagem e construção do texto. Por fim, o quarto capítulo será dedicado às considerações finais.

CAPÍTULO 1: CONCEITOS E DISCUSSÕES

1.1 O futuro dos jornais impressos

1.1.1 As incertezas dos jornais impressos

Com o surgimento da internet e das novas mídias, o jornalismo tenta se adaptar ao digital e a um novo modo formato.

Esta não é a primeira vez que os veículos de comunicação passam por momentos de reformulações e adaptações. Com o surgimento do rádio, o jornalismo impresso passou por um tempo de questionamentos e mudanças. Com o nascimento da televisão, os veículos impressos e o rádio se adaptaram. Agora, com a internet e as novas tecnologias surge mais um momento de incertezas e alterações.

Chegou-se a anunciar o fim do jornalismo impresso. Afinal, a tela substituiria o papel. O diretor do *Grupo Promotora de Informaciones*, que detém o jornal espanhol *El País*, Juan Luis Cebrián, disse, em 2009, que os jornais impressos acabariam em 15 anos (Righetti e Quadros, 2004). O professor americano, Philip Meyer, também coloca data para o fim dos jornais. Segundo ele, o último exemplar vai circular no primeiro trimestre de 2043 (D'Ávila, 2007).

De fato, as vendas dos maiores jornais brasileiros e mundiais caíram, à medida que o computador e a informação online se popularizavam. No Brasil, por exemplo, entre 2002 e 2010, a circulação média diária do jornal Folha de São Paulo caiu 15%, do Estado de São Paulo, 12% e do Globo, 1,15%.² O Jornal do Brasil, um dos maiores e mais tradicionais de todo o país, veículo onde nasceram mudanças e reformas que afetaram toda a mídia nacional, foi extinto em 2010, restando, apenas, a sua versão online.

Outro fator que chama a atenção é a queda das receitas com a publicidade dos jornais. Muitos anunciantes migraram, sobretudo para a televisão. No entanto, já se observa também um aumento da fatia do mercado publicitário destinada à internet. Ou seja, como destaca Riguetti e Quadros (2004), ao contrário das vendas, a diminuição das receitas publicitárias, aparentemente, não tem relação direta com a consolidação da

² Números obtidos com base nos dados disponíveis no site da Associação Brasileira de Jornais.

internet, pelo menos por enquanto, mas demonstra um cenário de incertezas dos veículos impressos.

Dessa forma, é natural que a sobrevivência do jornalismo impresso e o papel que lhe caberá com o atual cenários das comunicações e, conseqüentemente, do jornalismo, acirre discussões entre estudiosos da área, jornalistas e ativistas da internet.

Lucena (2008) assinala que a credibilidade ligada à “instituição jornal impresso” é algo difícil de ser substituído. “Os jornais condensam uma credibilidade difícil de ser replicada em outros meios e funcionam como uma bússola para o leitor imerso no caos informativo atual.” (LUCENA, 2008). A jornalista ainda acrescenta outros argumentos para justificar a importância dos jornais impressos, como o fato de eles serem os principais responsáveis pelos furos, serem veículos práticos e portáteis, além de trazerem diferentes opiniões e visões sobre as notícias e os acontecimentos em discussão.

Kristof (2009) diz: a internet provoca a formação de comunidades isoladas que compartilham a mesma opinião, o que dificulta a troca de ideias e, conseqüentemente, a formação de pessoas críticas. O jornal impresso, ao contrário, faz com que o cidadão se depare com pensamentos divergentes dos seus, o que acaba por enriquecer a sua formação, o pensamento crítico e incentivar a tolerância. Mesmo que ele não leia todo o conteúdo, o leitor ao menos passa os olhos sobre os textos e títulos, o que já o obriga a se deparar com a variedade de pensamentos.

O professor de sociologia, Paul Starr, e o editor e co-fundador da revista online *Feed Magazine*, Steven Johnson, discutem sobre a internet e o jornal impresso, em uma série de cartas publicadas na revista britânica *Prospect* (publicadas no Brasil pelo jornal Folha de São Paulo, com o título de “Cartas-bomba”). Nelas, Paul critica o modelo de jornalismo online feito por Johnson a partir de três pontos, segundo ele, necessários para a permanência de um jornalismo comprometido com a sociedade: como financiar um jornalismo de serviço público de qualidade, como manter um público engajado e como criar responsabilidade política, com a vigência de um modelo baseado na seleção de textos e colaboração. Nesse sentido, ele ainda enfatiza outro ponto: os recursos para fazer um jornalismo de qualidade estão sumindo em uma capacidade menor do que a das novas mídias em assumir esse papel.

Johnson contesta, alegando que justamente esse modelo pautado na colaboração de centenas de pessoas possibilita uma gama de informações provenientes das fontes mais diversas. O editor diz que esse modelo possibilita a difusão de notícias conhecidas como “hiperlocais” e de uma grande variedade de assuntos e de textos sobre os mais diferentes temas.

1.1.2 O jornalismo impresso no futuro

Caldas (2002) acredita que o futuro do jornalismo impresso está pautado em um formato analítico e que priorize a interpretação e a opinião. O que aconteceu e a primeira impressão sobre o fato já foram dadas pelas outras mídias no dia anterior. O jornal chega no dia seguinte para trazer uma análise mais minuciosa dos fatos, própria para o público que deseja se aprofundar no assunto em questão.

Leitores de jornais e usuários de internet têm interesses e curiosidades diferentes. Para assegurar seu espaço, caberá ao jornal do presente investir naquilo que o leitor quer encontrar nele: originalidade, texto interpretativo e analítico, com suas implicações e possíveis repercussões na vida de cada um. O fato situado dentro de um contexto mais amplo, ao lado de pesquisa e opinião. Já na internet o que se busca são informações rápidas e específicas, em poucas linhas. (CALDAS, 2002. p.17)

Kamel (s.d) compartilha opinião semelhante: “Ao pegar na manhã seguinte os jornais, os leitores já não querem ser informados dos fatos, porque já o foram na véspera; querem saber que efeitos eles provocam, que análise pode explicá-los, qual a correta interpretação, como se situar diante deles” (KAMAEL. S.d). Ele (s.d) acrescenta:

Outro caminho que garantirá a sobrevivência dos jornais é menos a publicação do que chamo de acontecimentos, fatalmente noticiados mais rapidamente pela mídia eletrônica, e mais a produção de acontecimentos. Explico-me: todo esforço deve ser feito na busca de reportagens especiais, investigativas, que criem fatos, ou melhor, que os revelem. (KAMEL, s.d)

Kamel (s.d) diz também que as mudanças devem passar pelas redações, com a valorização de jornalistas, fotógrafos e profissionais cada vez mais especializados em determinada área. Somente dessa maneira, eles terão condições de fazer esse jornalismo mais opinativo e interpretativo.

Noblat (2002) acredita que a mudança de conteúdo é o caminho para a salvação dos jornais diante da crise do papel. O autor destaca que os jornais deveriam apostar em textos mais “humanos”, explorar temas novos, antecipar as notícias e apostar em um trabalho mais longo e detalhado de apuração e confecção da notícia, com ênfase na reportagem. O jornalista aponta os seguintes passos para essa mudança:

- renovar sua pauta de assuntos para ganhar mais leitores, principalmente mulheres e jovens;
- surpreender mais e mais os leitores com informações que eles desconheçam;
- humanizar o noticiário e abordar os temas pela óptica dos leitores;
- interagir com os leitores e abrir mais espaço para que falem e sejam ouvidos;
- conferir menos importância às notícias de ontem e ocupar-se em antecipar as que ainda estão por vir;
- apostar em reportagens porque são elas que diferenciam um jornal de outro;
- dar mais tempo aos repórteres para que apurem e escrevam bem;
- publicar textos que emocionem, comovam e inquietem;
- resistir à tentação de absorver prioridades tão características da televisão: superficialismo, entretenimento, diversão, busca de audiência a qualquer preço;
- investir pesado na qualificação dos seus profissionais;
- depende menos de anúncios e mais da venda de exemplares;
- e mais importante do que tudo acima, fazer jornalismo com independência e que tome partido da sociedade. (NOBLAT, p. 2002)

Todos os autores analisados apontam um caminho semelhante para os jornais impressos, como base no que foi exposto neste capítulo. Para eles, os veículos devem ter um formato pautado pela análise e explicação, com conteúdo aprofundado e analítico.

1.2 Jornalismo Cultural Brasileiro

1.2.1 Breve Histórico

O fim do século XIX assistiu a um grande impulso do jornalismo cultural brasileiro. Nessa época, escritores como Machado de Assis se consolidaram na crítica cultural. Eles são os primeiros de uma série de outros que viriam ao longo do século seguinte e incluiu nomes como Mário de Andrade. Piza (2004) lembra que muitos escritores percorreram o terreno da crítica, analisando as obras da época e ajudando a traçar um perfil literário de então.

A década de 1920 viu o surgimento dos movimentos de vanguarda e com eles uma série de revistas dedicadas à cultura, como a Klaxon e a Revista Antropofágica (RIVERA apud LOPEZ e FREIRE, s.d). Piza (2004) lembra que ainda nessa década, em 1928, surge outro marco do gênero, a revista O Cruzeiro, que, além de reportagens, também se destacou por publicar textos de grandes escritores nacionais e ilustrações de artistas igualmente consagrados. Já a década de 1930 é vista pelo autor como o início da “grande época da crítica em jornal do Brasil”, com a eclosão de nomes como Álvaro Lins.

Um dos maiores marcos do jornalismo cultural brasileiro aconteceu já na década de 1950, com o lançamento do Caderno B, do Jornal do Brasil. Surgido pouco após a grande reforma pela qual passou o jornal na época e que deixou marcas profundas no modo de se fazer jornalismo no país, o Caderno B não demorou a virar referência e servir de modelo para outros veículos (CALDAS, 2002). Nessa mesma década proliferaram os suplementos culturais, surgindo, por exemplo, o Caderno 2 do Estado de São Paulo e o Ilustrada da Folha de São Paulo.

Uma nova proposta nasceu na década de 1990. O caderno “Mais” da Folha de São Paulo representou um ruptura no então padrão de jornalismo cultural. Surgido em 1992, o suplemento semanal tentou fugir do academicismo, colocando textos de jornalistas, diagramação mais moderna e colorida, além de abrir espaço para coberturas científicas, com destaque para textos voltados para antropologia, sociologia e filosofia, pro exemplo (JUNIOR, 2008). O suplemento difundiu um novo modelo de se fazer o jornalismo cultural, mas foi extinto em 2010, durante uma reforma do jornal Folha de

São Paulo. Em seu lugar, o veículo lançou o “Ilustríssima”, voltado para ciência e cultura.

1.2.2 Características atuais

Gadini (2007) afirma que, hoje, o jornalismo cultural brasileiro se dedica, cada vez mais, ao que chama de “entretenimento”. Os cadernos culturais estão recheados de notícias sobre o *star system*, *reality shows*, telenovelas, além de dedicar espaço para horóscopos e passatempos, por exemplos. O autor destaca três processos recorrentes da editoria de cultura atualmente: “priorizando a tematização e o agendamento de atividades, eventos e programas que visam à vida dos famosos”, destaque para notícias sobre o *star system* e “a tradição do colunismo social.” (GADINI, 2007).

É importante, contudo, não reduzir a lógica da notícia-entretenimento a uma simples e eventual perspectiva negativa ou mesmo pejorativa. Afinal, a cultura traduz-se em expressões integradas por múltiplas facetas, das quais faz parte também o entretenimento. O problema reside, dessa forma, na centralidade – por vezes, quase exclusiva – da cultura ao lazer/entretenimento, apagando outras dimensões de uma determinada manifestação cultural. (GADINI, 2007)

Essa questão se relaciona ao exposto por Faro (2007) que acredita que o Jornalismo Cultural está perdendo espaço e, conseqüentemente, influência, ao mesmo tempo em que proliferam materiais supostamente ligados a esse gênero. O autor ainda acrescenta que a relação entre jornalismo e cultura é complexa, e que as práticas externas (como as práticas e padrões de outras editoriais) não devem comandar o modo como se trabalha nessa área. Para o autor, o jornalismo dedicado à cultura deveria ser fortemente marcada por uma carga autoral e opinativa. Ele diz: “jornalismo cultural constitui-se num território de práticas jornalísticas que tanto reiteram os signos, valores e procedimentos da cultura de massa quanto discursos que revelam tensões contra-hegemônicas características de conjunturas históricas específicas” (FARO, 2007. p.5).

Piza (2003) compartilha opinião semelhante ao dizer que o jornalismo cultural vive um momento com poucas inovações e perda de espaço, consistência e influência. No entanto, isso não significa queda de popularidade da editoria, que está, constantemente, entre as mais lidas dos grandes jornais brasileiros. Werneck in Lindoso (2007) usa a expressão “a ditadura do *best seller*”, para descrever esse cenário, onde a cultura de massa se sobrepõe a algo mais erudito. O autor ainda diz que o público fiel da

editoria de cultura é, teoricamente, formador de opinião e mais tendencioso à reflexão, o que torna o jornalismo cultural um espaço para conteúdos mais trabalhados e elaborados.

Cunha, Ferreira e Magalhães (2002) apontam que ao mesmo tempo em que é fruto da indústria cultural, o jornalismo cultural suscita a reflexão e o questionamento sobre os padrões culturais vigentes. Eles ainda destacam o fato de que grandes jornais apostam em dois suplementos culturais com apelos diferentes, cada um voltado para um desses lados.

O jornalismo cultural (JC) brasileiro vive um curioso paradoxo neste início de século XXI. Por um lado, vários jornais da chamada grande imprensa estão investindo em suplementos culturais semanais geralmente privilegiando a reflexão e as produções artísticas de menor apelo comercial ou midiático.(...).

Por outro lado, os cadernos culturais publicados diariamente enfrentam uma série de impasses, resultantes das próprias rotinas produtivas, da relação conflituosa com a Indústria Cultural ou mesmo de mudanças relativas à própria conceituação da função e dos objetivos do que seja JC. (Cunha, Ferreira, Magalhães, p. 2. 2002)

Ainda sobre esse assunto, Piza (2003) diz que o dilema “variedade e erudito” é uma das dualidades observadas no jornalismo cultural, atualmente. Para ele, essa editoria tenta equilibrar ainda as dualidades “nacional e internacional” (referindo-se ao teor dos conteúdos publicados, se são sobre obras ou cultural do país ou do exterior) e o “elitismo e populismo”. Piza (2003) acrescenta que o jornalismo cultural brasileiro tende a se equiparar a outras editorias, pautando-se pela publicação de *hard new*, o que não é positivo, já que o caráter do jornalismo de cultura deveria estar mais voltado para análise e reflexão.

Em meio às incertezas pelas quais o jornalismo passa, Junior (2008) afirma: “A única certeza que se tem é que o papel não pode e não deve competir com a internet. Achar um novo modelo, que contemple interatividade e seja ao mesmo tempo inteligente e profundo, parece ser o grande desafio do jornalismo cultural hoje” (REBINSKY, 2008).

Se o jornalismo passa por um momento de incertezas, o caderno de cultura não poderia fugir à regra. Como exposto, teóricos acreditam que a editoria sofre com alguns pontos, especialmente, a maneira como deve trabalhar com a cultura de massa.

1.3: Jornalismo Científico Brasileiro

1.3.1 Breve Histórico

O jornalismo científico brasileiro nasceu com o próprio jornalismo brasileiro. O Correio Braziliense, primeiro periódico que circulou no país, nascido em 1808, já trazia a divulgação de acontecimentos relacionados à área. (MELO, 2003).

No entanto, a consolidação do gênero demoraria mais alguns anos. Segundo Melo (2003), ao longo do século XIX, o jornalismo científico era pautado por ações isoladas. Até que no fim do século, o pioneirismo do jornalista João Ribeiro ajudou a mudar esse cenário. Seus artigos, que começaram a ser publicados em 1895, tornaram o gênero freqüente e regular na imprensa brasileira.

Entretanto, Oliveira (2003) destaca Euclides da Cunha como o primeiro jornalista científico brasileiro. Segundo a autora, a obra Os Sertões traz reflexões de cunho científico, como a relação do meio ambiente e a sociedade.

Até o início do século passado, o jornalismo científico brasileiro era pautado pelas descobertas e inovações do exterior. A situação começou a mudar com a criação de grandes universidades brasileiras, como a Universidade de São Paulo e a do Rio de Janeiro. A partir delas, a ciência brasileira ganhou fôlego e também passou a ser pauta dos periódicos. (MELO, 2003).

Poucos anos depois, em 1947, surge outro marco do jornalismo científico no país: começou a ser publicada na Folha de São Paulo, a coluna de José Reis. A coluna existiu até 2002, quando o colunista morreu. Vale destacar que o jornalista foi ainda o primeiro presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Científico, criada em 1977. (OLIVEIRA,2003)

O grande impulso para as ciências brasileiras viria na Ditadura Militar, ou seja, justamente em um momento em que a imprensa brasileira viveu sob regime de controle e censura. A proliferação de publicações do gênero se deu, então, já na década de 1980, com o surgimento de revistas como a SuperInteressante e Globo Ciência, por exemplo (OLIVEIRA, 2003).

1.3.2 Características hoje

Traduzir a linguagem científica para os jornais não é tarefa fácil. As duas linguagens parecem até opostas: hermética e de difícil compreensão, na científica, e objetiva e direta, na jornalística. Albagli (1996) afirma que essas diferenças pontuais dividem a opinião dos próprios cientistas.

(...) há os que defendem que o jornalismo científico, por requerer um adequado manejo da linguagem jornalística, demandando assim habilidades e s p e c í f i c a s, deveria ser realizado exclusivamente por profissionais de comunicação, e não por cientistas. De o u t r o l a d o, m u i t o s c i e n t i s t a s são contrários a esse ponto de vista, por discordarem dos critérios utilizados por jornalistas na seleção de notícias e no tipo de abordagem de suas reportagens sobre ciência, critérios esses que seriam próprios à imprensa convencional (mas não à lógica científica), tais como senso de oportunidade, *timing*, impacto e interesse social. (ALBAGLI. 1996.p.396)

Teixeira(s.d), no entanto, afirma que não há contradições no exercício do jornalismo científico, afinal, o jornalismo científico não deixa de ser jornalismo, e que “não há versões da verdade quando se trata de ciência”. Mas, a autora enfatiza que é preciso aperfeiçoar os profissionais dessa área, para que eles consigam levar ao dito “público leigo” o mundo da ciência.

Segundo Oliveira (2003), no Brasil, os jornalistas ainda se deparam com outro desafio: a falta de especialização oferecida na área. A consequência é a potencialização dessa dificuldade em traduzir uma linguagem para a outra. Migliaccio (s.d) diz algo semelhante. Segundo a autora, é urgente o aprimoramento dessa categoria, ainda mais, nos tempos atuais, em que a sociedade exige profissionais cada vez mais especializados e com alto nível de formação profissional. Ela diz: “para o exercício do jornalismo científico é indispensável a posse de uma bagagem cultural adequada, um conhecimento básico da história e da filosofia das ciências e da educação” (MIGLIACCIO, s.d).

Bueno (s.d), no entanto, diz que os cursos sobre esse tema se proliferaram, assim como o número de publicações do gênero. Mas, paralelamente, o espaço dedicado à ciência em grandes jornais ainda é pequeno, ao mesmo tempo em que, quando o assunto aparece, ele não cumpre sua função pedagógica, valendo-se mais da publicação do diferente, do “sensacional”. (BUENO, s.d). O autor ainda acrescenta que a editoria é

pouco investigativa e, muitas vezes, pautada por temas longes da realidade do leitor e do país.

Teixeira (s.d) diz que os temas relacionados à biomedicina dominam o jornalismo científico brasileiro. Ela acredita que, enquanto o noticiário político, por exemplo, é rondado por desconfianças, o oposto se dá no noticiário científico, onde predomina a confiança. Além disso, hoje em dia, ela classifica o mundo como “hipocondríaco”, daí a predominância de assuntos dessa natureza. Ou seja, o jornalismo científico é pautado pelos sucessos e avanços da biomedicina, ficando os fracassos, frequentemente, fora dessa cobertura. Teixeira (s.d) completa, dizendo que o jornalismo científico é sensacionalista.

As reportagens de ciência são sensacionalistas porque, ao se deixarem confundir com a fonte, afirmam resultados que são fruto do reducionismo que marca a prática científica sem nunca explicitá-lo. Dessa maneira, por aderir à palavra do cientista como sendo aquela que deve ser reproduzida e não questionada, o jornalista relata o que vale nas condições especiais do experimento, que delimita um problema para estudá-lo com vistas à sua manipulação, sem nada dizer sobre ela. (TEIXEIRA, s.d. p.140).

Em suma, o que se observa com base nessas considerações, é que os jornalistas científicos lidam com a dificuldade em traduzir a linguagem científica. Além disso, a editoria é predominantemente pautada por assuntos ligados à biomedicina, além de ser visto como “sensacionalista” e pouco investigativo.

1.4 A Folha de São Paulo

1.4.1 Histórico

O jornal Folha de São Paulo é um dos veículos de referência da imprensa brasileira. Atualmente, é o segundo jornal do país em tiragem diária, com média de 294.498 exemplares, atrás apenas do SuperNotícia, que tem média de 295.701⁴

O veículo foi fundado em 1921 por Olival Costa e Pedro Cunha com o nome de Folha da Noite. Quatro anos depois, o jornal lançou sua edição matutina, a Folha da Manhã. Uma terceira edição ainda viria, em 1949, a Folha da Tarde.

A década de 1960 começou com a fusão dos três jornais, que viraram a Folha de São Paulo. Em 1963, Otávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho assumiram o controle acionário da empresa. Atualmente, o grupo Folha (que também inclui outras mídias, como o jornal Valor Econômico – em parceria com as organizações Globo – e o portal de notícias Uol, por exemplo) continua sob controle da família de Otávio Frias de Oliveira, morto em 2007.

Em 1980, a Folha assumiu o posto de jornal com maior circulação do país. Um ano depois, o veículo estabeleceu, em um documento de circulação interna, três metas para o seu jornalismo. São elas: informação correta, pluralidade de opiniões e interpretações competentes sobre os fatos. Em 1984, esse discurso ganhou impulso com outro documento interno, que ressaltava um jornalismo crítico e apartidário. Essa “nova diretriz” para o seu jornalismo ganhou força à medida em que a Folha lançava diferentes projetos editoriais e se consolidava como o jornal de maior circulação brasileiro e um dos mais influentes.

Ao longo dos seus 90 anos, a Folha foi pioneira em diferentes ações. Foi o primeiro jornal brasileiro a lançar um manual de redação (1984) e a ter uma redação informatizada (1983), por exemplo.

Em 2010, no mesmo ano em que lançou sua última reforma, a Folha perdeu seu

³ Números equivalentes ao ano de 2010. Disponível no site da Associação Nacional de Jornais

posto de jornal com maior circulação diária para o SuperNotícia. O jornal mantém-se como o de segunda maior tiragem.

No início do ano de 2011, a Folha iniciou as comemorações pelos seus 90 anos. O jornal lembrou momentos marcantes, contou uma série de erros que cometeu ao longo desses anos e admitiu que apoiou a ditadura militar brasileira, através de editoriais.

1.4.2 A reforma de 2010

Em 2010, a Folha e o portal de notícias do jornal, a FolhaOnline, passaram por uma grande reforma, que incluiu diversas mudanças gráficas/visuais e de conteúdo. Entre elas, podem-se destacar alterações nas fontes impressas e *layout* das páginas, reformulação do quadro de colunistas, mudanças nos nomes de algumas editorias (o caderno dedicado à política, chamava-se Brasil, agora atende por Poder. Já o econômico Dinheiro virou Mercado) e, até mesmo, a extinção de seções.

A Folha anunciou o novo modelo como “O jornal do futuro”. Com isso, o veículo ganhou mais ilustrações, e se autodenominou “mais sintético na sua forma e analítico”. Além disso, disse que “valoriza a interpretação, opinião e os furos jornalísticos” (FOLHA DE SÃO PAULO: Novíssimo, mai. 2010). Outra mudança se relaciona à fusão das redações do jornal Folha de São Paulo e do portal de notícias FolhaOnline, ação que já estava sendo tomada por grandes jornais mundiais.

1.4.3 Mais e Ilustríssima

Uma das mudanças vindas com a reforma foi a substituição do caderno Mais! pelo “Ilustríssima”. Criado em 1992, o “Mais!” era um caderno de circulação dominical, que abordava cultura e ciência. Segundo Rebisky Junior (2008), o caderno se tornou um marco no jornalismo cultural brasileiro ao trazer textos de alto nível e abrir espaço para matérias sobre ciência. Quando parou de circular, em 2010, trazia estas seções fixas: “Os dez mais”, como dez indicações culturais; Biblioteca/discoteca/filmoteca básica, que trazia a indicação de alguma pessoa ligada à ciência ou cultura; e três colunas assinadas- Ponto de Fuga, de Jorge Coli, uma do físico Marcelo Gleiser e outra do jornalista Marcelo Leite.

O “Ilustríssima” também se dedica “à cultura, ciência e a reportagens ensaísticas”, segundo texto do próprio jornal, e circula aos domingos. Seu objetivo, segundo a Folha, é: “pretende-se destacar pela narrativa de alta qualidade e desprovida de jargões acadêmicos, que torne fluente e prazerosa a leitura de textos de maior fôlego” (FOLHA DE SÃO PAULO: Novíssimo, mai. 2010).

O novo caderno traz algumas seções fixas. Na última folha um texto artístico inédito, como um poema ou conto. Além disso, tem a “Ilustríssima Semana”, com indicações culturais, o “Arquivo Aberto”, que traz o depoimento de algum artista ou pessoa renomada e, por fim, o “Diário de...” , um relato da vida cultural em cidades chamadas pelo jornal de “culturalmente importantes no mundo”, como Rio de Janeiro, Paris e Los Angeles.

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

Este trabalho vai estudar o conteúdo do caderno dominical de cultura “Ilustríssima” do jornal Folha de São Paulo e do seu antecessor, o “Mais!”. Para isso, vai analisar as matérias de capa de oito edições seguidas de cada um dos suplementos, o que equivale a um período aproximado de dois meses de circulação do jornal. Do “Mais!” serão analisadas as edições que circularam entre os dias 3 de janeiro a 21 de fevereiro de 2010. Já do “Ilustríssima”, as publicadas entre 09 de janeiro a 27 de fevereiro de 2011. Essas datas foram escolhidas por compreenderem períodos de tempo semelhantes. As matérias de capa foram as selecionadas, uma vez que elas, teoricamente, representam o mais importante ou o melhor da edição.

Primeiramente, os assuntos abordados em cada matéria de capa serão elencados para, posteriormente, serem divididos nos seguintes temas: cultura, ciência, reportagem/atualidade e outro. Os temas podem ainda ser divididos em sub-temas: cultura engloba artes plásticas/visuais/arquitetura, cinema, música, literatura e texto literário inédito. Já ciência pode tratar de história, antropologia e filosofia, por exemplo. É importante ressaltar que o tema literatura representa textos que abordam discussões e críticas sobre essa temática, enquanto “texto literário inédito” significa a publicação de um texto de caráter literário. A divisão foi feita dessa maneira, para conseguir englobar o caráter analítico, cultural e científico proposto pelos dois cadernos.

A partir daí, os textos serão divididos entre os seguintes itens: número de página que ocupa, assuntos abordados, quem escreve (se é feito por jornalista ou não – destacando que profissional é esse); se são traduções de artigos publicados em jornais/revistas estrangeiros, textos originais ou publicação de parte de uma obra literária inédita.

Com esses dados em mãos, começa a análise do texto em si. Se eles são de fácil compreensão ou tem uma linguagem mais hermética, como é o vocabulário usado neles, como se dá a sua construção e de que forma ele trata o assunto. Os títulos serão analisados, sob esse mesmo viés.

Após esses estudos, os dados e conclusões relativos ao “Mais!” e ao “Ilustríssima” serão confrontados para se levantar as diferenças entre eles. A partir daí, será possível verificar se existem diferenças significativas entre os dois cadernos, caso existam, quais são elas, e se essas diferenças têm semelhanças com o caminho apontado

por teóricos e estudiosos da área como o futuro do jornalismo impresso e se estão relacionadas aos dilemas e características do jornalismo cultural e do científico.

CAPÍTULO 3: MAIS X ILUSTRÍSSIMA

Com o levantamento de dados das oito edições do caderno “Ilustríssima” (chamando a primeira edição analisada de I1, a segunda de I2, e assim por diante), chega-se a seguinte tabela, no que se refere ao tema, número de páginas ocupadas, profissional que escreveu e tipo de texto das matérias de capa:

	Número pg	Quem escreveu	Tipo	Tema		
				Ciência	Cultura	Atualidade reportagem
Edição I1	3	cientista	Artigo estrangeiro	Antropologia		
Edição I2	2	jornalista	Texto inédito		Música	
Edição I3	5	escritor	Texto literário – crítica		Texto literário	
Edição I4	2	jornalista	Artigo estrangeiro			Reportagem
Edição I5	2	jornalista	Texto inédito		Cinema	
Edição I6	2	jornalista	Texto inédito			Atualidade
Edição I7	6	escritor	Texto literário		Texto literário	
Edição I8	2	jornalista	Texto inédito			Atualidade

Tabela 1: temas, números de páginas, autor e tipo de texto das matérias de capa do Ilustríssima

No “Ilustríssima”, a média de folhas dedicadas à matéria de capa é de três folhas. Observa-se também que os textos escritos por jornalistas são maioria (62,5%). Os textos inéditos representam metade do total. O restante fica dividido exatamente entre artigos já publicados no exterior (25%) e textos literários inéditos (25%).

A tabela com as mesmas variáveis para as oito edições do “Mais!” (M1 se refere à primeira edição estudada, M2 à segunda e assim por diante) fica da seguinte forma:

	Número pg.	Quem escreveu	Tipo	Tema		
				Ciência	Cultura	Atualidade reportagem
Edição M1	2	Historiador	Artigo estrangeiro	História		
Edição M2	2,4	Historiador	Artigo estrangeiro		Cinema	
Edição M3	4	Vários	Texto inédito	História		
Edição M4	4	Vários	Texto inédito		Cinema	
Edição M5	4	Vários	Texto inédito			Reportagem
Edição M6	2,4	Jornalista	Artigo estrangeiro		Música	
Edição M7	2	Jornalista - entrevista	Texto inédito	História		
Edição M8	2,6	Jornalista - entrevista	Texto inédito			Atualidade

Tabela 2: temas, números de páginas, autor e tipo de texto das matérias de capa do Ilustríssima

No caso do “Mais!”, os textos escritos por jornalistas representam a metade do total de amostras (50%). A predominância é de matérias inéditas (62,5%) sobre os artigos já publicados no exterior (37,5%) e não se encontrou nenhum caso de texto literário inédito. A média de folhas destinadas à matéria de capa é de 2,95 folhas.

Observando e confrontando os dados relativos aos dois cadernos, percebe-se que a média de folhas destinadas à matéria de capa é muito próxima (três para o “Ilustríssima” e 2,95 para o “Mais!”). É importante notar que no “Ilustríssima”, as matérias com maior número de páginas são os literários, já no “Mais!” são as matérias que trazem mais de um texto com diferentes autores.

Quanto a quem escreve os textos, a quantidade escrita por jornalistas é maior no “Ilustríssima”. Ao mesmo tempo, no novo caderno, o número de artigos feitos por

acadêmicos-cientistas é menor. Pode-se inferir, a partir desses dados, que os textos do *Ilustríssima* tendem a ser mais diretos e menos acadêmicos.

Por fim, quanto aos assuntos abordados. Uma diferença logo se sobressai entre os dois cadernos. No “*Ilustríssima*” encontramos a publicação de dois textos literário inéditos (o equivalente a 25% do total), enquanto no “*Mais!*” esse tipo de texto não aparece nenhuma vez. No geral, pode-se notar, que, em relação às amostras estudadas, o “*Ilustríssima*” traz 50% das matérias voltadas para cultura, 12,5% para ciência e 37,5% para o debate e aprofundamento de questões mais atuais. Já o “*Mais!*” tem 37,5% destinados às matérias de cultura, 25% para o debate de temas atuais, e 37,5% para ciência. Ou seja, nos dois cadernos, os temas abordados são os mesmo (cultura, ciência e atualidade), sendo cultura o tema que mais aparece nos dois (no “*Mais!*” acompanhada de ciência).

Agrupando esses dados em uma tabela, temos a seguinte:

	Quem mais escreveu	Média de Folha	Ordem em que os temas aparecem
Mais	Jornalista (32,5%)	2,95	Cultura/ciência e questões atuais
Ilustríssima	Jornalista (67,5%)	3	Cultura, questões atuais, ciência

Tabela 3: Média de número de páginas, temas e autor das matérias mais comuns nas capas do *Mais!* e *Ilustríssima*.

Em resumo, em relação às matérias de capa, “*Mais!*” e “*Ilustríssima*” tratam dos mesmos temas. A média de folha dedicada à matéria de capa também é próxima entre eles. Nos dois, encontramos textos inéditos e já publicados no exterior, e também textos escritos por jornalistas e “não-jornalistas”. Ou seja, quanto a essa “estrutura” da matéria de capa, os dois cadernos são semelhantes. A maior diferença fica por conta da presença de vários textos para um único tema, em matérias do “*Mais!*”, e de textos de cunho literário no “*Ilustríssima*”.

Quanto à construção dos textos, observa-se que as matérias do “*Ilustríssima*” não apresentam linguagem muito hermética ou acadêmica. Os textos, no geral, foram escritos de maneira direta e, até mesmo, criativa. Mesmo quando o assunto soa mais complicado, como foi o caso do texto da primeira edição estudada, que trata de

antropologia e formação de linguagem, não foram encontrados trechos de linguajar muito subjetivo e indireto. Para tratar de assuntos, muitas vezes, complicados, os textos se valem de comparações e exemplos. O seguinte trecho, por exemplo, é usado para exemplificar sobre o senso de direção dos falantes de idiomas conhecidos como geográficos: “Não param para olhar o sol antes de dizer que ‘tem uma formiga ao norte do seu pé’. Apenas sentem onde ficam o norte, o sul, o leste e o oeste, da mesma forma que pessoas com ouvido absoluto sentem qual é cada nota” (FOLHA DE SÃO PAULO, Ilustríssima: 09 jan. 2011).

Também cabe observar, que os textos não se enquadram no relato de algum fato novo. Mesmo quando se trata de atualidade ou do lançamento de alguma obra, o que se observa é uma matéria analítica, focada na interpretação, explicação e crítica. Essa característica pode ser reiterada ao notar que não foi encontrado o lide padrão no início dos textos (quem, o que, quando, como, onde, por que). Este início, por exemplo, é de um texto que fala sobre o lançamento de partituras do músico Pixinguinha e de outras obras ligadas ao compositor: “Pixinguinha era em 1911 um adolescente magrela quando, como flautista do grupo Choro Carioca, gravou seu primeiro disco. Dois depois, o mesmo grupo fez a primeira gravação de duas peças escritas por ele.”. (FOLHA DE SÃO PAULO, Ilustríssima: 16 jan. 2011)

Quanto aos títulos, observa-se que eles não trazem uma idéia de factualidade, com a presença de verbos no presente, por exemplo. Muitos dos títulos, nem sequer têm verbos e outros tantos fazem alusão a títulos de obra ou frases de uso corriqueiro (como exemplo pode-se citar “Janelas indiscretas”, que é uma clara referência ao filme “Janela Indiscreta” de Alfred Hitcock, ou “No princípio era a música popular brasileira”, que se relaciona à frase bíblica “no princípio era o verbo” e “Na ponta da língua”, que é um jargão comum no país).

Essas características analisadas vêm de encontro ao exposto por Caldas (2002) e Kamel (s.d) como o caminho para os jornais impressos: textos pautados na explicação e interpretação, não no relato dos acontecimentos. A forma como os títulos são construídos, uma maneira que não traz uma idéia de factualidade, e a ausência do lide padrão corroboram com essa noção. Esse ponto também se relaciona ao dito por Noblat

(2002) que acredita que os jornais impressos devem fugir da superficialidade e se pautarem pro textos com assuntos novos e diferentes.

Ao mesmo tempo em que se encaixam em um padrão mais analítico e interpretativo com temas mais aprofundados, as matérias do *Ilustríssima* não caem no academicismo e no cientificismo expostos como dificuldades dos jornalismo cultural e científico, por autores como Oliveira (2003) e Piza (2003). Cabe notar que os assuntos abordados tendem a sair do entretenimento, problema exposto por Gadini (2007) e por Werneck in Lindoso (2007). Os temas das matérias de capa sobre cultura não são voltados para o entretenimento ou para obras mais popularescas. Quando elas abordaram a cultura, o “*Ilustríssima*” trouxe à tona os seguintes temas: *Pixinguinha*, *Cinefilia* (com destaque para o trabalho dos cineastas Paulo Godard e Françoise Truffaut) e duas obras literárias fora da lista dos autores mais vendidos. Também cabe ressaltar que o tema foi “ciência” se referiu a assuntos ligados a ciências humanas, como antropologia. Ou seja, este é um exemplo que foge do criticado por Teixeira (s.d), que aponta a predominância de assuntos ligados à biomedicina no noticiário de ciências. Vale notar que as capas também não se pautam na busca do furo, característica criticada pro Piza (2003).

Os textos do “*Mais!*” também trazem em uma análise mais aprofundada , não expondo simplesmente o que aconteceu. Os textos são, muitas vezes, diretos, com linguajar objetivo e criativo. No entanto, é possível encontrar, em alguns deles, trechos como este, da terceira edição analisada.

Ter algo para fazer, no meu caso, algo puramente cerebral e verbal, é uma distração salutar – mesmo que no sentido quase literal de oferecer uma ocasião para comunicar-me para o mundo exterior e expressar, geralmente em palavras iradas, as irritações e frustrações acumuladas da inércia física. (FOLHA DE SÃO PAULO, *Mais!*: 5. 10/01/2010)

A construção dos títulos no “*Mais!*” também não traz uma noção de factualidade. Muitas vezes, eles não são uma oração completa ou não usam o verbo no presente, por exemplo. Assim como no “*Ilustríssima*”, os títulos podem nem ter verbos (como o caso de “*Perturbação*”). O primeiro parágrafo também não traz a construção clássica do lide, este início é de um texto sobre um livro que relata a forte enchente que atingiu Paris, em 1910: “ Ela já era a cidade-luz, desfrutava do status de capital artística

e literária e, fazia algumas décadas, se tornara a metrópole mais moderna do mundo” (FOLHA DE SÃO PAULO: Mais: 14 fev. 2010)

Ou seja, o “Mais!” também obedece a um padrão de jornalismo mais interpretativo e analítico, além de não se pautarem pelo furo e pela factualidade. Os assuntos abordados tendem a não ser sobre entretenimento e mídia de massa, características criticadas por teóricos como Gadini (2007). Quando o tema de capa era sobre cultura, os assuntos abordados foram sobre “os melhores filmes da história”, o cineasta Martin Scorsese, por exemplo. Além disso, não há também a priorização do furo, como criticado por Piza (2003), e, sim uma busca da análise e da explicação. Os textos sobre ciência focam as ciências humanas, com destaque para o tema história, saindo da priorização dos assuntos de cunho biomédico, como exposto por Teixeira (s.d). No entanto, o “Mais!” era menos rigoroso quanto à presença ou não de textos acadêmicos, já que se encontrou trechos como o exposto acima. Justamente a linguagem, fechada é um dos pontos criticados por teóricos do jornalismo científico e cultural.

Ao se confrontar as duas análises, observa-se que quanto aos temas abordados, os dois cadernos são bem semelhantes. Os temas retratados aparecem em proporção diferente, nos dois, mas são os mesmos (cultura, ciência e ensaios), com exceção de que o “Ilustríssima” publica textos literários. A estrutura também é semelhante, no sentido de que os dois têm textos inéditos, já publicados em periódicos estrangeiros e matérias escritas por jornalistas e “não-jornalistas”.

“Mais!” e “Ilustríssima” trazem semelhanças consideráveis, em relação ao conteúdo. Os assuntos nos dois cadernos são tratados de maneira analítica e interpretativa, não pautados no simples relato de algum acontecimento.

Por outro lado, o “Mais!” abria espaço para textos mais acadêmicos e herméticos, enquanto no “Ilustríssima”, os textos analisados são mais diretos e objetivos. Esse resultado confirma a proposta do “Ilustríssima”, que segundo a Folha, é de um jornalismo de cultura e ciência sem jargão e vai de encontro ao criticado por teóricos, como Piza (2003).

É interessante observar que nos dois cadernos, as ciências humanas, que, muitas vezes, não estão presentes nos suplementos científicos, encontram espaço. O mesmo

acontece com a dita alta cultura, uma vez que muitos cadernos considerados culturais se dedicam a temas da chamada “cultura de massa” e ao entretenimento, de acordo com os teóricos aqui analisados.

O “Ilustríssima” obedece a padrões de conteúdo, propostos como o futuro do jornalismo impresso. Além disso, ele parece tentar se livrar de um gargalo comum ao jornalismo cultural e ao científico: a linguagem hermética. Entendendo que o jornalismo impresso precisa tentar corrigir defeitos e imperfeições para se manter, nesse contexto de novas mídias, essa característica também pode ser entendida como uma maneira de sobrevivência dos veículos impressos. Mas, cabe aqui ressaltar que o “Mais!” já trazia muitas das características desse novo jornalismo, como a análise a interpretação. Ou seja, o “Ilustríssima” não representa uma grande ruptura com o modo de se fazer jornalismo, do caderno anterior.

CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, conclui-se que o “Ilustríssima” e o “Mais!” são suplementos com muitas semelhanças. Os dois são pautados por temas mais reflexivos e eruditos, sem a busca do “furo” ou do relato de algum fato novo. As matérias de capa deles trazem assuntos semelhantes, podem ser textos inéditos ou já publicados no exterior, além de serem escritas por jornalistas ou não e de ocuparem uma média de folhas muito próxima.

Uma diferença significativa entre os dois cadernos se relaciona a uma característica, exposta por teóricos do jornalismo como um gargalo dos jornalismo cultural e científico. De acordo com as edições analisadas, o “Ilustríssima” é menos acadêmico. Entre as edições analisadas, a maioria dos textos do “Mais!” era objetiva e criativa, mas o caderno também abria espaço para outros mais herméticos. Ou seja, o “Ilustríssima” parece mais preocupado com essa questão da linguagem jornalística: falar sobre um tema difícil e reflexivo, sem cair em uma linguagem acadêmica. No entanto, muitos dos outros pontos criticados pelos teóricos, como a busca do furo e a predominância do entretenimento ou de assunto ligados à medicina, quando se fala sobre ciência, já não são vistos desde o “Mais!”. O “Ilustríssima” apenas manteve esse padrão.

É interessante notar que, o “Mais!” já trazia características do jornalismo do futuro, de acordo com os conceitos e propostas apresentadas neste trabalho, como a priorização da análise e da explicação, e não o simples relato de um fato. O “Ilustríssima” as mantém, mas traz outras experimentações, como os textos literários e as figuras autorais. Em outras palavras, o “Ilustríssima” atende aos pontos propostas pelos teóricos, como o caminho para o jornalismo do futuro. Além disso, a tentativa de se livrar de uma linguagem acadêmica, não deixa de ser um ponto positivo nesse sentido, já que aperfeiçoar o modo de se fazer jornalismo também é uma necessidade para a sobrevivência dos veículos impressos. A publicação de textos e ilustrações de caráter artístico parece uma experimentação para um caderno dedicado à cultura, nesses tempos de reinvenção dos jornais impressos. No entanto, o caderno não representa uma ruptura brusca com o padrão disseminado pelo “Mais!”. O antigo suplemento já atendia

a muitas dessas propostas do “jornalismo do futuro” e tentava se livrar dos pontos criticados por teóricos da área, para o jornalismo cultural e científico.

A substituição de “Mais!” pelo “Ilustríssima” parece, antes de mais nada, uma possibilidade para mudanças. Por mais que eles sejam parecidos hoje, a partir da criação de um novo caderno, o jornal parece poder sair do padrão e inovar. Experimentar, em um momento de crise, pode ser perigoso, mas somente com experimentações é que um modelo diferente pode emergir e dar certo.

Apontar caminhos para o jornalismo impresso não é tarefa fácil. Estudos como este tentam trazer elementos que já estão em processo de mudanças e analisá-los de acordo com conceitos de especialistas e jornalistas, os mais gabaritados para isso.

A questão do futuro do jornalismo impresso envolve muito mais do que somente o avanço da internet. Também estão em jogo interesses políticos e econômicos, além de toda a credibilidade vinculada à instituição “jornais impressos”. Por mais que estejamos vivenciando um cenário de mudanças, pode ainda ser cedo para afirmações radicais. Se haverá jornais impressos, se eles migrarão para internet e quando isso vai acontecer são questões que não podem ser respondidas com muita certeza.

Bibliografia

ALBAGLI, Sarita. **Divulgação científica: informação científica para a cidadania?**. 1996. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/465/424> >; Acesso 02 jun. 2011.

ALTERMAN, Eric. Folha de São Paulo: 8 jun 2009: Mais!: 5-7

BUENO, Wilson da Costa. **O que está faltando ao jornalismo científico brasileiro**. Disponível em : <<http://www.abjc.org.br/menus/opiniao/Artigo%20wilbueno%20o%20que%20falta%20ao%20JC.pdf>>. Acesso 18 mai. 2011

CALDAS, Álvaro(org.). **Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet**. Editora PUC (RJ): Rio de Janeiro, 2002.

CARTAS-BOMBA. Folha de São Paulo: 2009, maio, 10: Mais!, 4-6.

CUNHA, Leonardo Antunes; FERREIRA; Nísio Antônio Teixeira; MAGALHÃES, Luis Henrique Vieira de. **Dilemas do jornalismo cultural brasileiro**. 2002. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/9640173/Dilemas-do-jornalismo-cultural-brasileiro>>. Acesso 09 abr. 2011.

D'ÁVILA, Sérgio. **Jornal passa por transformações 'históricas'**. Folha de São Paulo: 08/04/2007. Dinheiro: B7.

FARO, J. S. **Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural**. 2007. Disponível em : <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/ind_j_s_faro.pdf> São Paulo, 2007. Acesso 23 de jun. de 2010.

FERREIRA JUNIOR, José. **Evolução gráfico-visual da mídia impressa brasileira**. 2004. Disponível em: <<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1459.html>>. Acesso 13 mai. 2011

FOLHA DE SÃO PAULO: Ilustríssima. São Paulo: 9 jan., 2011.

FOLHA DE SÃO PAULO: Ilustríssima. São Paulo: 16 jan, 2011.

FOLHA DE SÃO PAULO: Ilustríssima. São Paulo: 23 jan, 2011.

FOLHA DE SÃO PAULO: Ilustríssima. São Paulo: 30 jan., 2011

FOLHA DE SÃO PAULO: Ilustríssima. São Paulo: 6. fev., 2011

FOLHA DE SÃO PAULO: Ilustríssima. São Paulo: 13. fev., 2011

FOLHA DE SÃO PAULO: Ilustríssima. São Paulo: 20. fev., 2011

FOLHA DE SÃO PAULO: Ilustríssima. São Paulo: 27. fev., 2011

FOLHA DE SÃO PAULO: Mais!. São Paulo: 3. jan., 2010

FOLHA DE SÃO PAULO: Mais!. São Paulo: 10. jan., 2010

FOLHA DE SÃO PAULO: Mais!. São Paulo: 17 jan., 2010

FOLHA DE SÃO PAULO: Mais!. São Paulo: 24. jan., 2010

FOLHA DE SÃO PAULO: Mais!. São Paulo:31. jan., 2010

FOLHA DE SÃO PAULO: Mais!. São Paulo: 7 fev., 2010

FOLHA DE SÃO PAULO: Mais!. São Paulo: 14. fev., 2010

FOLHA DE SÃO PAULO: Mais!. São Paulo: 21. fev., 2010

FOLHA DE SÃO PAULO: Novíssimo, número especial. São Paulo: maio, 2010. Tema do suplemento: reforma do jornal Folha de São Paulo.

GADINI, Sérgio Luiz. **A lógica do entretenimento no jornalismo cultural brasileiro.** 2007. Disponível em

<<http://www.eptic.com.br/arquivos/Revistas/v.%20IX,n.%201,2007/9%20SergioGadini.pdf>> 2007. Acesso: 23 de jun. de 2010.

GADINI, Sérgio Luiz. **Grandes estruturas editoriais nos cadernos culturais.**

Principais características. Disponível em :

<<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/fronteiras/article/view/3138/2948>>. Acesso 11 mai. 2011.

HISTÓRIA DA FOLHA. Disponível em :

<www.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm>. Acesso 24 abr. 2011

JUNIOR, Rebinski. **O jornalismo cultural do Brasil.** 2008. Disponível em:

<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2439&titulo=O_jornalismo_cultural_no_Brasil> 2008. Acesso em 1 mai. 2011

KAMEL, Ali. **Vida longa para os jornais impressos.** S.d Disponível em:

<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/cadernos/do2005b1.htm>> Acesso 23 abril 2011

KRISTOF, Nicholas D. **O meu jornal diário.** Folha de São Paulo. 2009, março, 29: Brasil, 18

LINDOSO, Felipe (org). **Rumos do Jornalismo Cultural.** Summus: São Paulo, 2007

LOPEZ, Debora e FREIRE, Marcelo. **O jornalismo cultural além da crítica: um estudo da revista raiz.** s.d Disponível em : <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopez-debora-freire-marcelo-jornalismo-cultural.pdf>> Acesso: 23 abr. 2011.

LUCENA, Eleonora de. **O futuro dos jornais.** Folha de São Paulo: 8 jun. 2009: Mais!: 4

MAIORES JORNAIS DO BRASIL. Disponível em : <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso 23 abr. 2011

MELO, José Marques de. **Trajetória acadêmica do jornalismo científico no Brasil: Iniciativas pararmáticas do século XX.** 2003. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/viewFile/1141/889>>. Acesso 11 mai. 2011

MIGLIACCIO, Maria Inês. **O desafio constante do jornalismo científico – tarefa de poucos para muitos.** s.d. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur4/ines.htm>> Acesso 11 mai. 2011

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário.** Contexto. São Paulo: 2002.

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo científico.** Contexto: São Paulo, 2003.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural.** Contexto: São Paulo, 2003.

RIGHETTI, Sabine e QUADROS, Ruy. **Impactos da internet no jornalismo impresso.** 2004. Disponível em: <<http://www.somaticaeducar.com.br/arquivo/artigo/1-2009-11-14-14-45-20.pdf>>.

TEIXEIRA, Mônica. **Pressupostos do jornalismo científico no Brasil.** s.d Disponível em: <http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciaepublico/artigos/art10_pressupostos.pdf>. Acesso 02 jun. 2011.